

Biblioteca Anarquista



O Fracasso do Cristianismo

Emma Goldman

Emma Goldman
O Fracasso do Cristianismo
1913

dwardmac.pitzer.edu

Titulo Original: **The Failure of Christianity**. Tradução e Revisão por
André Tunes @*Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista*.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou
em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu
conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

1913

Os falsificadores e envenenadores de ideias, em sua tentativa de obscurecer a linha entre verdade e falsidade, encontram um valioso aliado no conservadorismo da linguagem.

Concepções e palavras que há muito perderam seu significado original continuam por séculos a dominar a humanidade. Especialmente isso é verdade se essas concepções se tornaram um lugar-comum, se foram inculcadas em nossos seres desde a infância como grandes e irrefutáveis verdades. A mente comum se contenta facilmente com coisas herdadas e adquiridas, ou com os ditames de pais e professores, porque é muito mais fácil imitar do que criar.

Nossa época deu origem a dois gigantes intelectuais, que se comprometeram a transvalorar os valores sociais e morais mortos do passado, especialmente aqueles contidos no cristianismo. Friedrich Nietzsche e Max Stirner lançaram golpe após golpe contra os portais do cristianismo, porque viram nele uma moral escrava perniciosa, a negação da vida, a destruidora de todos os elementos que fazem a força e o caráter. É verdade que Nietzsche se opôs à ideia de moralidade escrava inerente ao cristianismo em favor de uma moral de mestre para poucos privilegiados. Mas ousou sugerir que sua ideia mestra nada tinha a ver com a vulgaridade de posição, casta ou riqueza. Pelo contrário, significava o magistral nas possibilidades humanas, o magistral no homem que o ajudaria a superar velhas tradições e valores desgastados, para que ele pudesse aprender a se tornar o criador de coisas novas e belas.

Tanto Nietzsche quanto Stirner viam no cristianismo o nivelador da raça humana, o destruidor da vontade do homem de ousar e fazer. Eles viram em todo movimento construído sobre a moral e a ética cristã tentativas não de emancipação da escravidão, mas de sua perpetuação. Por isso, eles se opuseram a esses movimentos com poder e força. Quer eu concorde ou não inteiramente com esses iconoclastas, acredito que, como eles, que o cristianismo é admiravelmente adaptado ao treinamento de escravos, à perpetuação de uma sociedade escravista; em suma, às próprias condições que enfrentamos hoje. De fato, nunca a sociedade poderia ter degenerado para seu atual estágio terrível, se não fosse pela assistência do cristianismo. Os governantes da terra perceberam há muito tempo o potente veneno inerente à religião cristã. Essa é a razão pela qual eles a

promovem; é por isso que eles não deixam nada por fazer para instilá-lo no sangue do povo. Eles sabem muito bem que a sutileza dos ensinamentos cristãos é uma proteção mais poderosa contra a rebelião e o descontentamento do que o porrete ou a arma.

Sem dúvida me será dito que, embora a religião seja um veneno e o cristianismo institucionalizado o maior inimigo do progresso e da liberdade, há algo de bom no cristianismo “em si”. E quanto aos ensinamentos de Cristo e – cristianismo primitivo, pode-me perguntar; não representam o espírito da humanidade, o direito e a justiça?

É precisamente esta contestação muitas vezes repetida que me induziu a escolher este assunto, para me permitir demonstrar que os abusos do cristianismo, como os abusos do governo, estão condicionados na própria coisa, e não devem ser imputados aos representantes do credo. Cristo e seus ensinamentos são a personificação da submissão, da inércia, da negação da vida; portanto, responsável pelas coisas feitas em seu nome.

Não estou interessada no Cristo teológico. Mentes brilhantes como Bauer, Strauss, Renan, Thomas Paine e outros refutaram esse mito há muito tempo. Estou até disposta a admitir que o Cristo teológico não é tão perigoso quanto o Cristo ético e social. À medida que a ciência toma o lugar da fé cega, a teologia perde seu domínio. Mas o mito ético e poético de Cristo saturou tão completamente nossas vidas que mesmo algumas das mentes mais avançadas acham difícil emancipar-se de seu jugo. Eles se livraram da letra, mas mantiveram o espírito; no entanto, é o espírito que está por trás de todos os crimes e horrores cometidos pelo cristianismo ortodoxo. Os Padres da Igreja podem se dar ao luxo de pregar o evangelho de Cristo. Não contém nada perigoso para o regime de autoridade e riqueza; representa o espírito de sacrifício e abnegação, penitência e arrependimento, e é absolutamente inerte diante de toda [in]dignidade, de todo ultraje imposto à humanidade.

Aqui devo voltar aos falsificadores de ideias e palavras. Tantos inimigos sinceros da escravidão e da injustiça confundem, da maneira mais angustiante, os ensinamentos de Cristo com as grandes lutas pela emancipação social e econômica. Os dois são irrevogavelmente e para sempre opostos um ao outro. Um exige coragem, ousadia, desafio e força. O outro

prega o evangelho da não resistência, da aquiescência servil à vontade dos outros; é o completo desrespeito ao caráter e à autoconfiança e, portanto, destrutivo da liberdade e do bem-estar.

Quem deseja sinceramente uma mudança radical na sociedade, quem se esforça para libertar a humanidade do flagelo da dependência e da miséria, deve dar as costas ao cristianismo, tanto à forma antiga como à atual.

Em todos os lugares e sempre, desde seu início, o cristianismo transformou a terra em um vale de lágrimas; sempre fez da vida uma coisa fraca, doente, sempre incutiu medo no homem, transformando-o num ser dual, cujas energias vitais se gastam na luta entre corpo e alma. Ao condenar o corpo como algo mau, a carne como tentadora de tudo o que é pecaminoso, o homem mutilou seu ser na vã tentativa de manter sua alma pura, enquanto seu corpo apodrecia longe dos ferimentos e torturas infligidos a ele.

A religião e a moral cristã exaltam a glória da outra vida e, portanto, permanecem indiferentes aos horrores da terra. De fato, a ideia de abnegação e de tudo o que causa dor e tristeza é seu teste de valor humano, seu passaporte para a entrada no céu.

Os pobres são os donos do céu, e os ricos irão para o inferno. Isso pode explicar os esforços desesperados dos ricos para fazer feno enquanto o sol brilha, para tirar o máximo possível da terra: chafurdar na riqueza e no supérfluo, apertar seus braços de ferro sobre os escravos abençoados, roubá-los de seu direito de primogenitura, degradá-los e ultrajá-los a cada minuto do dia. Quem pode culpar os ricos se eles se vingarem dos pobres, pois agora é a hora deles, e somente o misericordioso Deus cristão sabe quão habilmente e completamente os ricos estão fazendo isso.

E os pobres? Apegam-se à promessa do céu cristão, como lar para a velhice, sanatório para corpos aleijados e mentes fracas. Eles perseveraram e se submetem, sofrem e esperam, até que todo o auto-respeito tenha sido arrancado deles, até que seus corpos se tornem emagrecidos e murchos, e seu espírito quebrado pela espera, a espera cansativa e interminável pelo céu cristão.

fé em si mesma ou em sua causa, Jesus é uma verdadeira nulidade. Eles permaneceram firmes e enfrentaram seus carrascos com determinação inabalável e, embora também tivessem morrido pelo povo, não pediram nada em troca de seu grande sacrifício.

Em verdade, precisamos de redenção da escravidão, da fraqueza mortal e da dependência humilhante da moralidade cristã.

Os ensinamentos de Cristo e de seus seguidores falharam porque lhes faltou a vitalidade para tirar os fardos dos ombros da raça; fracassaram porque a própria essência dessa doutrina é contrária ao espírito da vida, exposto às manifestações da natureza, à força e à beleza da paixão.

Nunca o cristianismo, sob qualquer máscara que possa aparecer – seja o Novo Liberalismo, o Espiritismo, a Ciência Cristã, o Novo Pensamento, ou mil e umas outras formas de histeria e neurastenia – nos trazer alívio da terrível pressão das condições, o peso da pobreza, os horrores do nosso sistema iníquo. O cristianismo é a conspiração da ignorância contra a razão, das trevas contra a luz, da submissão e escravidão contra a independência e a liberdade; da negação da força e da beleza, contra a afirmação da alegria e glória da vida.

“Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas. Não vim destruir, mas cumprir”.

Precisamente. Cristo foi um reformador, sempre pronto para remendar, cumprir, levar adiante a velha ordem de coisas; nunca para destruir e reconstruir. Isso pode explicar o sentimento de companheirismo que todos os reformadores têm por ele.

De fato, toda a história do Estado, do Capitalismo e da Igreja prova que eles se perpetuaram por causa da ideia “não vim destruir a lei”. Esta é a chave para a autoridade e a opressão. Naturalmente assim, pois Cristo não elogiou a pobreza como uma virtude; ele não propagou a não-resistência ao mal? Por que a pobreza e o mal não deveriam continuar a dominar o mundo?

Por mais que me oponha a todas as religiões, por mais que as considere uma imposição e um crime contra a razão e o progresso, ainda sinto que nenhuma outra religião causou tanto dano ou ajudou tanto na escravização do homem quanto a religião de Cristo.

Testemunhe Cristo diante de seus acusadores. Que falta de dignidade, que falta de fé em si mesmo e em suas próprias ideias! Tão fraco e indefeso era este “Salvador dos Homens” que ele deve precisar que toda a família humana pague por ele, por toda a eternidade, porque ele “morreu por eles”. A redenção pela cruz é pior do que a condenação, pelo terrível fardo que impõe à humanidade, pelo efeito que tem sobre a alma humana, agrilhoando-a e paralisando-a com o peso do fardo exigido pela morte de Cristo.

Milhares de mártires pereceram, mas poucos, se houver, se mostraram tão indefesos quanto o grande Deus cristão. Milhares foram para a morte com maior fortitude, com mais coragem, com uma fé mais profunda nas suas ideias do que o Nazareno. Tampouco esperavam gratidão eterna de seus semelhantes por causa do que suportaram por eles. Comparado com Sócrates e Bruno, com os grandes mártires da Rússia, com os anarquistas de Chicago, Francisco Ferrer e incontáveis outros, Cristo é realmente uma figura pobre. Comparado com a delicada e frágil Spiridonova que sofreu as mais terríveis torturas, as mais horríveis indignidades, sem perder a

Cristo apareceu como o líder do povo, o redentor dos judeus do domínio romano; mas no momento em que começou seu trabalho, provou que não tinha interesse pela terra, pelas necessidades urgentes e imediatas dos pobres e deserdados de seu tempo, o que ele pregava era um misticismo sentimental, ideias obscuras e confusas sem originalidade e vigor.

Quando os judeus, de acordo com os evangelhos, se afastaram de Jesus, quando o entregaram à cruz, eles podem ter ficado amargamente desapontados com aquele que lhes prometeu tanto e deu-lhes tão pouco. Ele prometeu alegria e felicidade em outro mundo, enquanto as pessoas passavam fome, sofriam e duradouro diante de seus olhos.

Também pode ser que a simpatia dos romanos, especialmente de Pilatos, tenha sido dada a Cristo porque o consideravam perfeitamente inofensivo ao seu poder e domínio. O filósofo Pilatos pode ter considerado as “verdades eternas” de Cristo como bastante anêmicas e sem vida, em comparação com o conjunto de vigor e força que eles tentaram combater. Os romanos, fortes e inflexíveis como eram, devem ter rido nas mangas do homem que falava de arrependimento e paciência, em vez de chamar as armas contra os saqueadores e opressores de seu povo.

A carreira pública de Cristo começa com o decreto: “Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo”.

Por que se arrepender, por que o desgosto diante de algo que deveria trazer libertação? O povo não sofreu e suportou o suficiente; eles não ganharam seu direito à libertação por seu sofrimento? Veja o Sermão da Montanha, por exemplo. O que é senão um elogio à submissão ao destino, à inevitabilidade das coisas?

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

O céu deve ser um lugar terrivelmente monótono se os pobres de espírito vivem lá. Como pode algo criativo, algo vital, útil e belo vir dos pobres de espírito? A ideia transmitida no Sermão da Montanha é a maior acusação contra os ensinamentos de Cristo, porque vê na pobreza da mente e do corpo uma virtude, e porque procura manter essa virtude

por recompensa e punição. Todo ser inteligente percebe que nossa pior maldição é a pobreza de espírito; que ela é produtora de todo mal e miséria, de toda injustiça e crimes do mundo. Todos sabem que nada de bom jamais veio ou pode vir dos pobres de espírito; certamente nunca liberdade, justiça ou igualdade.

“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”.

Que noção absurda! Que incentivo à escravidão, à inatividade e ao parasitismo! Além disso, não é verdade que os mansos possam herdar alguma coisa. Só porque a humanidade foi mansa, a terra foi roubada dela.

A mansidão tem sido o chicote que o capitalismo e os governos usaram para forçar o homem à dependência, à sua posição de escravo. Os mais fiéis servidores do Estado, da riqueza, do privilégio especial, não poderia pregar um evangelho mais conveniente do que Cristo, o “redentor” do povo.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”.

Mas Cristo não excluiu a possibilidade de justiça quando disse: “Os pobres sempre tendes convosco”? Mas, então, Cristo foi grande na sentença, não importa se elas eram totalmente opostas umas as outras. Em nenhum lugar isso é demonstrado de forma tão impressionante quanto em sua ordem: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

Os intérpretes afirmam que Cristo teve que fazer essas concessões aos poderes de seu tempo. Se isso for verdade, este único compromisso foi suficiente para provar, até hoje, uma arma implacável nas mãos do opressor, um chicote temeroso e implacável cobrador de impostos, para o empobrecimento, a escravização e a degradação das mesmas pessoas por quem Cristo supostamente morreu. E quando temos a certeza de que “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos”, nos é dito como? Como? Cristo nunca se dá ao trabalho de explicar isso. A justiça não vem das estrelas, nem porque Cristo assim quis. A justiça nasce da liberdade, das oportunidades sociais e econômicas e da

igualdade. Mas como podem os mansos, os pobres de espírito, estabelecer tal estado de coisas?

“Bem-aventurados sois quando os homens vos injuriarem e perseguirem, e disserem falsamente todo tipo de mal contra vós, por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque grande é o vosso galardão nos céus”.

A recompensa no céu é a isca perpétua, uma isca que prendeu o homem em uma rede de ferro, uma camisa de força que não o deixa desenvolver ou crescer. Todos os pioneiros da verdade foram, e ainda são, injuriados; eles foram, e ainda são, perseguidos. Mas eles pediram à humanidade que pagasse o preço? Eles buscaram subornar a humanidade para aceitar suas ideias? Eles sabiam muito bem que aquele que aceita uma verdade por causa do suborno, logo a trocará por um lance mais alto.

Bem e mal, castigo e recompensa, pecado e penitência, céu e inferno, como o espírito movente do evangelho de Cristo têm sido a pedra de tropeço na obra do mundo. Ele contém tudo em termos de ordens e comandos, mas carece inteiramente das coisas de que mais precisamos.

O trabalhador que conhece a causa de sua miséria, que entende a composição de nosso iníquo sistema social e industrial, pode fazer mais por si mesmo e por sua espécie do que Cristo e os seguidores de Cristo jamais fizeram pela humanidade; certamente mais do que a paciência, a ignorância e a submissão fizeram.

Quanto mais enobrecedor, quanto mais benéfico é o extremo individualismo de Stirner e Nietzsche do que a atmosfera de quarto de doente da fé cristã. Se repudiam o altruísmo como um mal, é porque o exemplo contido no cristianismo, que premia o parasitismo e a inércia, deu origem a todo tipo de desordens sociais que devem ser curadas com a pregação do amor e da simpatia.

Personagens orgulhosos e autoconfiantes preferem o ódio a um amor artificial tão repugnante. Não é por causa de qualquer recompensa que um espírito livre toma posição por uma grande verdade, nem tal pessoa jamais foi dissuadida por medo de punição.